Dom Juan
Molière

Existem dezenas de obras com a figura de Dom Juan. Porque esta personagem – quase mitológica – foi alvo do interesse de vários escritores. Entre essas dezenas, existem três que são naturalmente mais importantes. A primeira versão (que teria dado origem a todas as demais) foi escrita por volta de 1630 por um espanhol chamado Tirso de Molina (pseudônimo de Gabriel Téllez), que era um padre e escreveu essa obra para assustar os cristãos. A obra escrita por Molina chama-se "El burlador de Sevilla y el convidado de piedra" ("O trapaceiro de Sevilla e o convidado de pedra"). Passados 35 anos, em 1665, o Molière fez a versão escrita mais famosa de todas, chamada "Dom Juan". Essa versão é muito melhor que a versão do Tirso de Molina. Passados em torno de 120 anos, o Mozart pediu a um libretista italiano – Lorenzo da Ponte, sujeito interessantíssimo, com uma vida muito exótica – que fizesse um libreto, ou seja, uma adaptação da peça Dom Juan para a ópera, que veio a ser chamada "Dom Giovanni" (nome italiano da personagem).

Aí você tem as três obras básicas em torno de Dom Juan. Todas elas têm a mesma estrutura, mas têm contextos fabulativos diferentes, ou seja, elas enfatizam mais uma personagem ou outra, trocam a seqüência dos acontecimentos por razões de dramaticidade, etc. Nenhuma dessas variações compromete, porém, o sentido da obra.

A história de Dom Juan é muito fácil de entender. É a história de um libertino, de alguém cuja vida está voltada para conquistas amorosas. E para entendê-la é preciso que você tire da sua cabeça, nesse momento, o sentido moderno da palavra "Dom Juan". Modernamente, Dom Juan é uma espécie de herói urbano; um sujeito bem visto, com prestígio social. Não para todo mundo, é claro, mas se você diz que um sujeito é um "Dom Juan", acha-se que é alguém esperto, que se dá bem. Dom Juan, enfim, não tem, modernamente, o conteúdo negativo que tinha antigamente. Na época em que essas obras foram escritas, o que o Dom Juan representava era alguma coisa muito errada, muito criticada e negativa.

A ação da peça de Molière se passa na Sicília. Ela começa quando Gusman, criado de Dona Elvira, uma mulher seduzida e abandonada por Dom Juan, está conversando com Leporello, que é o criado de Dom Juan (chamado por Molière de Sganarelle; Leporello é como Lorenzo da Ponte o chamou) – uma personagem quase tão importante quanto Dom Juan. O começo da ópera "Dom Giovanni" é diferente: havia uma moça, chamada Ana, filha do Comendador Gonçalo, e noiva de um sujeito chamado Otávio. Dom Juan apaixona-se pela moça e, para conquistá-la, ele se fantasia de Otávio, sobe

para o quarto dela de noite e ela não percebe - indo além daqueles limites aos quais devemos nos restringir nas relações com pessoas que são apenas conhecidas. Na hora em que ela descobre que se trata de outro homem, ela faz um escândalo. O pai dela (o Comendador) vem correndo, de espada em punho, e os dois duelam. Dom Juan – que está incógnito, porque mascarado – mata o velho.

Esse é o episódio mais "antigo" da biografia de Dom Juan contado nas peças. É por ele que tem início a ópera de Mozart. Molière começa sua peça diferentemente, mas conta esse fato mais adiante.

A morte do Comendador é a chave da história. Depois disso, Dom Juan e o Leporello dão no pé e partem para uma nova conquista amorosa, porque esta já tinha dado certo. E então vão seqüestrar a Dona Elvira do convento. Dom Juan seqüestra a Dona Elvira, que era uma monja, prometendo-lhe casamento; e, depois, dá no pé. A Dona Elvira, que era rica, manda uma espécie de criado atrás da dupla. Assim começa a história de Molière.

Leporello explica para Gusman que Dom Juan é o maior patife que já existiu, um libertino, um porco de Epicuro, que "casa como respira". Dom Juan, conversando depois com Leporello, diz ser a fidelidade uma honra artificial e o casamento uma instituição ridícula; afirma querer seduzir o mundo inteiro e lamenta, como Alexandre, que não haja outros mundos para serem conquistados. (Reparem que o Iago, do Otelo, tem o mesmo discurso; trata-se, no fundo, do mesmo fulano).

Na seqüência, aparece Dona Elvira, avisada por Gusman, e se diz estúpida por ter caída na armadilha de Dom Juan.

Depois disso, Don Juan e Leporello, indo atrás de uma noiva por quem Dom Juan se enamorara, naufragam e são salvos por um camponês chamado Pierrot, prometido em noivado a Carlota (estas duas personagens são designadas como Mazetto e Zerlina, na peça de Mozart). Dom Juan queixa-se no naufrágio a Leporello, mas, ao ver Carlota, julga que sua desgraça está compensada. Don Juan corteja Carlota e, vencendo sua relutância inicial, consegue que ela concorde em se casar com ele. Pierrot se interpõe entre os dois e ambos brigam. Carlota toma o partido de Dom Juan. Chega, então, Maturina, outra camponesa a quem Don Juan já havia pedido em casamento depois do naufrágio, a qual tem uma altercação verbal com a Carlota – instigada por Dom Juan, que diz, ora para uma, ora para outra, que a ama com exclusividade. No fim, Don Juan escapa e ambas terminam convencidas de terem sido escolhidas. Leporello lamenta a inocência das duas e as avisa de que seu patrão é um salafrário, capaz de casar com todas as mulheres do mundo. Quando Dom Juan, porém, retorna, Leporello muda o tom e começa a elogiá-lo.

Chega, então, um cavaleiro, chamado La Ramée, e comunica a Dom Juan que ele está sendo procurado por doze homens a cavalo (os parentes da Dona Elvira). Dom Juan, acovardado, propõe trocar de roupas com Leporello, dizendo, cinicamente, ser uma honra para um servo morrer como se fosse o patrão. Leporello agradece a "honra", mas diz a Dom Juan preferir morrer, se este fosse o caso, como ele mesmo.

Disfarçados de camponeses, ambos fogem. No caminho, cruzam com um mendigo. Dom Juan faz pouco do velho. Termina concordando em lhe dar um "Luís de ouro" se ele dissesse uma blasfêmia. O velho recusa a proposta, dizendo preferir morrer de fome. A conversa é interrompida por uma cena em que um cavaleiro é atacado por três assaltantes. Dom Juan decide intervir e os três assaltantes fogem. O cavaleiro agredido, Don Carlos, agradece generosamente a Dom Juan. Don Carlos explica que estava ali para, junto com outros cavaleiros, vingar a honra de uma irmã, seduzida e raptada de um convento por um crápula chamado Dom Juan. Dom Juan, então, se apresenta como amigo de Dom Juan e se dispõe a ajudar os cavaleiros a perseguirem o mal-feitor.

Aparece Dom Alonso, irmão de Don Carlos (e, portanto, de Elvira também) e se espanta de ver Don Carlos conversando brandamente justamente com Dom Juan, o qual, então, se revela. Don Carlos pede magnanimidade ao irmão e se põe do lado de Dom Juan, já que ele havia salvado sua vida.

Em seguida, Dom Juan e Leporello dão-se conta de haver, perto de onde eles estavam, um mausoléu – onde estava enterrado, justamente, o Comendador Gonçalo, pai de Ana, morto por Dom Juan. Eles entram no mausoléu, ornado por uma estátua de pedra do Comendador. Debochadamente, Dom Juan manda Leporello convidar a estátua para jantar, o que Leporello termina fazendo, ainda que se sentindo estúpido. A estátua de pedra, então, lhe faz um sinal com a cabeça, deixando-o assustadíssimo. Dom Juan não acredita e o chama de supersticioso. Leporello, então, diz para Dom Juan repetir o convite com o intuito de verificar se o mesmo fenômeno não tornava a acontecer. Dom Juan o faz, recebendo, também, um sinal de cabeça da estátua. Assustado, dá no pé - correndo "nem tão rápido, que pareça covardia, nem tão devagar, que pareça provocação".

Já em casa, Dom Juan recebe a visita do Sr. Domingos, um seu credor, ao qual, porém, impede de fazer qualquer cobrança, interrompendo-o seguidamente com perguntas e comentários.

Chega, depois, Dom Luis (Dom Diego, em Tirso de Molina), o pai de Dom Juan. Dom Luis passa uma tremenda descompostura em Dom Juan; censura sua conduta e afirma que ele desonra a linhagem nobre de antepassados da qual deriva. "A virtude é o maior título da

nobreza”, diz Dom Luis. Dom Juan, na saída de seu pai, pede que ele caia morto e diz detestar pais que insistem em viver tanto quanto os filhos.

Logo na seqüência, Elvira aparece e diz a Dom Juan que havia dominado sua raiva e sua paixão carnal, restando, agora, em seu coração, um terno amor e um interesse puro pelo seu bem. Com base em tal interesse, diz para Dom Juan se emendar. Dom Juan, então, conjectura sobre seu futuro, dizendo ser sensato, de fato, mudar de vida, arrepender-se e pleitear a absolvição – depois, é claro, de mais uns vinte ou trinta anos de vida desregrada. Quem tem um discurso bastante similar a esse é Adrian Leverkühn (do “Doutor Fausto”) - e o Diabo lhe diz: “ih, o inferno está cheio de gente que pensa como você”. É possível que o Mann tenha tirado isso daqui.

Enquanto jantavam, Dom Juan e Leporello recebem outra visita: a da estátua do mausoléu do Comendador Gonçalo! Leporello treme de medo e Dom Juan tenta parecer normal, aceitando o convite, feito pela estátua, de cear com ela no dia seguinte.

Há, então, um novo diálogo entre Dom Juan e seu pai, em que Dom Juan lhe diz, mentirosa e cinicamente, ter se convertido. O pai se emociona por ver suas preces atendidas e corre para dar à mãe de Dom Juan as boas novas. Leporello, surpreso pela súbita decisão do patrão, recebe dele, porém, os devidos esclarecimentos: o libertino lhe explica ser aquilo apenas um estratagema para iludir tolos. Criticado por Leporello por seu cinismo, o fidalgo diz que todos são assim e que ninguém se envergonha. “A hipocrisia está na moda”, diz Dom Juan, “e todos os vícios na moda são virtudes”. Esta é uma frase genial, pessoal. Se vocês pensarem bem, é uma frase maravilhosa.

Na seqüência do texto, Molière faz uma crítica ao Partido dos Devotos. Num certo ponto de sua vida, Molière começa a arrumar inimigos entre os devotos. Que eram os devotos? Um grupo de nobres que se associam por motivos religiosos. Tratava-se de um grupo de costumes austeros que começa a perseguir Molière, impedindo que suas peças sejam apresentadas. O livro que Molière já tinha escrito para criticar essa turma é o “Tartufo”. O Tartufo é um “devoto”: é um sujeito santarrão, mas que no fundo é um sem-vergonha. Isso é o que Molière achava que eram esses “devotos”.

Don Carlos encontra-se com Dom Juan e pergunta-lhe se ele vai casar com sua irmã, Dona Elvira. Dom Juan avisa a Don Carlos que havia recebido dos céus um aviso para não fazê-lo.

Aparece, em seguida, a Dom Juan o espectro de uma mulher que lhe dizia ser aquele o último instante para ele aceitar a misericórdia divina. Dom Juan quer saber quem está ali, sob o véu, e se aproxima do espectro. Quando o faz, o espectro se transforma no tempo, com

a foice na mão. Dom Juan puxa a espada e atravessa o espectro, que desaparece imediatamente. Leporello insiste em que ele se arrependa, mas o libertino está irredutível.

Dom Juan vai até o mausoléu, cear com a estátua, como havia combinado no dia anterior. No entanto, ele a encontra já no meio do caminho. Dom Juan, então, começa a sentir um braseiro consumindo-o por dentro. Na seqüência, cai sobre ele um raio com grande estrondo. A terra se abre e traga Dom Juan para o abismo.

Na versão do Mozart, não há o segundo convite. A estátua aparece no jantar e, em seguida, cobra de Dom Juan o que ele fez de sua vida, sendo, ele, incontinente, tragado pelo abismo.

Leporello, no final, comenta a morte de Dom Juan: "eis, com sua morte, todos aliviados: o céu ofendido, as leis violadas, as donzelas seduzidas, famílias desonradas, pais ultrajados, esposas conspurcadas, maridos humilhados, todos satisfeitos. Quanto a mim, pergunto modestamente a quem me ouve: e o meu salário?".

Aqui, termina a história.

Don Juan é, então, um conquistador que, do começo ao fim da história, só faz atos maus, com exceção daquele em que ele salva Dom Carlos dos assaltantes - o que, circunstancialmente, salva a sua vida. Prestem atenção nisso. É importante entender o valor deste pedacinho. Ele é fundamental para entender a história. Há, também, um ato mais ou menos nobre, no final da história, quando ele não se recusa a enfrentar o Comendador (a estátua); ele não se acovarda (embora ele tenha se acovardado outras vezes na história: quando teve de explicar para Elvira porque havia dado no pé, quando descobre quando tem doze cavaleiros atrás dele e propõe pôr sua roupa no Leporello, etc.). Então, apesar de ter momentos de covardia ele, no final, não está tão covarde assim.

A primeira coisa que acontece com Dom Juan é a sedução da Dona Ana, fazendo-se passa por Otávio, seu marido. Como conseqüência disso, ele mata o pai de Ana, o Comendador. O próximo alvo de Dom Juan é seduzir a freira Elvira, que é, por isso, tirada do convento. O terceiro ato é a sedução, primeiro, da Maturina e, depois, da Carlota (ou Zerlina). Depois de seduzir ambas e ser perseguido pelos irmãos da Elvira, ele chantageia um pobre (exigindo que ele falasse uma blasfêmia), o que não dura muito, porque logo depois acontece a cena do ataque a Dom Carlos e Dom Juan intercede (a única ação nobre de Dom Juan). Em seguida, ele vai para casa, despista o credor, desrespeita o pai, fala com a Elvira (que nós facilmente podemos associar com aquele espectro feminino que aparece a Dom Juan) e, no fim, é tragado para o abismo por uma pedra (a estátua). Não foi isso que aconteceu com ele?

O que será que significa isso tudo? Bom, qual é a primeira ação que Dom Juan faz: matar o pai da Ana, o Comendador. O que ele está transgredindo ali? Ele está traindo a confiança, a boa-fé da moça (pressupondo-se que ela não sabia que era ele, porque se a gente for desconfiar da moça, daí não dá para fazer mais nada: entramos numa leitura psicanalítica). Qual é a segunda transgressão (a da Elvira)? Ele profana o convento. Não é uma transgressão também? Ele profana a sacralidade do convento. Qual é a terceira transgressão que ele faz? A profanação dupla da inocência, representada pela Maturina e pela Carlota, que são bastante ingênuas - pelo menos perto dele, que é um sujeito da vida mundana. Não é isso que acontece? Quando ele chantageia o pobre, o que ele profana? A humildade. Ele diz: "olha, eu quero ver você, com dinheiro, continuar sendo humilde". No entanto, quando ele salva o Dom Carlos, ele faz um ato nobre. Em seguida, ele vai se desvencilhar do credor. Do que ele está zombando aí? Da honestidade. Quando vem a Elvira, trazendo uma mensagem do céu, do que ele zomba? Do céu, de uma autoridade maior do que a da terra. Quando ele zomba do pai, então não há dúvida: está zombando do Espírito (sempre representado pelo pai).

O que unifica todas essas atitudes do Dom Juan (com exceção daquela relativa ao Dom Carlos)? Uma recusa a qualquer coisa que seja transcendente. Isso é confirmado quando ele diz que só acredita que dois mais dois são quatro e quatro mais quatro são oito. Dizer que ele só acredita nisso, significa dizer o que? Que a religião dele, como afirma Leporello, é a aritmética.

Mas isso nos permite, nessa altura do campeonato, traçar um perfil do Dom Juan? Como ele é? Não sei se dá para chamá-lo de ateu. Eu acho até que ele acredita em Deus; só não O respeita. É outra coisa. Ele em nenhum momento diz que Deus não existe. Ele até diz: "olha, eu vou continuar mais vinte ou trinta anos nessa vida, daí eu dou uma melhorada e me salvo". De alguma maneira, com isso, ele está dizendo que imagina que haja alguma coisa. Esse é um ponto fundamental: ele não é ateu; ele é rebelde. Não há, fundamentalmente, uma rebeldia metafísica, transcendente nesta personagem? Mais do que ateu, ele é um rebelde. Talvez por essa razão, essa personagem seja tão procurada e tão valorizada pela literatura. Entenderam? Porque que vantagem teria um ateu qualquer como tema literário? Nenhuma. Mas ele tem alguma coisa de rebelião metafísica, como se fosse um ser humano mostrando que tem uma certa capacidade. Vocês entendem que esse é exatamente o conceito de Nietzsche? Do super-homem (übermensch)? O conceito nietzschiano de super-homem é esse conceito. Nietzsche achava que o ser humano tem que ser assim. Essa personagem – Dom Juan – é essencialmente nietzschiana. Nietzsche acha que o mal da humanidade é nós sermos uns otários e ficarmos prestando atenção

em dois vigaristas, um chamado Jesus Cristo e o outro Platão, que ficam nos falando o primeiro da vida eterna e o segundo do mundo das formas. Talvez o interesse literário suscitado por Dom Juan derive do fato de que ele represente aquela rebelião humana que Nietzsche manda você fazer com relação às lorotas que Jesus e Platão contaram para você. Então, ele dizia assim: "olha, enquanto o homem não tiver seus próprios valores, não assumir a sua missão de produzir seus próprios valores, e não os valores cristãos ou filosóficos antigos, o homem será sempre uma escada". Então, para Nietzsche, é preciso fazer tudo ao contrário do que esses dois mandam. Se eles mandam você ser bom, seja mau; se eles mandam você ser pontual, seja atrasado (ou adiantado); se eles mandam você ser caridoso, seja avarento; e assim por diante. E é por isso que essa personagem tem essa conotação nietzschiana. Ele é um fulano que quer fazer as coisas do jeito dele, independentemente das pressões externas que são aqui, nesse contexto, fundamentalmente cristãs. Entenderam onde está a chave do Dom Juan? Ele é uma personagem prometeica, nietzschiana, que acha que tem a capacidade e autoridade sobre o próprio destino. Por isso, ele diz para o Leporello que Deus só se importa com as "grandes rebeliões", ou seja, ele imagina que fazendo isso tudo ele vai ser mais homem do que seria em outras circunstâncias.

É isso que a gente tem que entender para não interpretar o Dom Juan sob um ponto de vista moderno, que é um ponto de vista meramente sexual. Como o mundo moderno é um mundo associado a sexo diretamente, quer dizer, como o mundo moderno tem no sexo sua atividade predominante, então um sujeito que está sempre arrumando namoradas novas, é um sujeito bem visto pelo mundo moderno. Ele está cumprindo a missão que o mundo lhe deu. Aquilo que é vício e está na moda, vira virtude, diz o próprio Molière.

Mas a razão pela qual uma personagem consegue atravessar 400 anos de história não é suas picuinhas sexuais, e sim sua natureza prometeica e nietzschiana. Quando você olha para isso desse jeito, fica mais fácil de entender as três abordagens das três obras correlatas.

O Tirso de Molina queria apenas combater o tal do Protestantismo. O Protestantismo é todo ele agostiniano. Todos esses líderes protestantes – a começar pelo próprio Lutero – eram todos padres agostinianos. Os padres agostinianos são padres que têm o conceito de predestinação. O que é o conceito de predestinação? Santo Agostinho dizia o seguinte: depois do pecado original, o ser humano tornou-se tão fraco que ele não é capaz, sozinho, de tomar as medidas capazes de tornar a sua salvação possível. Quer dizer: você não consegue, pela sua pessoa, produzir as ações que vão salvar sua alma; você não consegue tornar-se "salvável". Você precisa de uma

caridade de Deus para que eleja você como "salvável" – o que acontece desde o momento em que você nasce. Portanto, os protestantes – que eram todos agostinianos, começando pelo Lutero – implantaram essa idéia: nós não sabemos se estamos predestinados (só ficaremos sabendo no Juízo Final), então nós temos que agir austeramente para que Deus não nos tire essa concessão.

A salvação, para alguém que defende a predestinação, é uma concessão exclusiva de Deus, que Ele pode retirar a qualquer momento – é, portanto, uma concessão condicionada ao comportamento que a pessoa tem na vida. Por isso é que os protestantes tinham aquela idéia de austeridade que, depois, no próprio Catolicismo, foi retomada pelo Jansenismo. O Jansenismo é a doutrina de um padre católico holandês, chamado Otto Cornelius Jansen, que, na época do Molière, estava a todo vapor (no tal do convento de Port-Royal, na França; tanto é que o próprio Luis XIV destrói o jansenismo, mandando arrasar o convento de Port-Royal, porque os Jesuítas, que eram politicamente mais fortes, não gostavam do poder crescente dos jansenistas).

Então, o que o Tirso de Molina queria dizer era o seguinte: "você está muito enganado; a salvação não é uma concessão que Deus dá a uns poucos escolhidos; ela é alguma coisa que está ao alcance de todo mundo, contanto que você se arrependa verdadeiramente dos seus pecados e não faça isso a título apenas de expediente para vencer no final da vida (como tenta fazer o Dom Juan)". Então, o que diz o Tirso de Molina queria era mostrar que se você não se arrepender agora, não só você não se salva, como você vai, também, para o inferno, você vai ser engolido por um abismo.

O Molière talvez nem tivesse a mesma idéia. Essa idéia, na verdade, não está em contradição com o que o Molière quer dizer, mas ele tem um ponto diferente.

O que significa a salvação de Dom Carlos? Esse é único ato meritório que Dom Juan faz. O Leporello teria feito isso? Jamais. Vocês perceberam que ele é uma espécie de consciência moral do Dom Juan. Essa é mais uma razão para você acreditar que Dom Juan seguramente sabe que está agindo errado, porque ele tem uma consciência moral chamada Leporello, que fica o dia inteiro dizendo: "poxa, mas que barbaridade que o senhor fez agora; não é possível que o senhor tenha feito uma coisa dessas; acabamos de nos salvar de um naufrágio e o senhor já está querendo pegar outra". O que é o Leporello? É a consciência moral do Dom Juan. É aquela voz que fica dizendo para você que você está fazendo errado, que você não tem razão. Não tem uma voz que fala isso para você? Se você não tem nenhuma voz que fala isso para você, ou você é um santo, ou você está precisando radicalmente de um tratamento de humanização,

porque não é possível. Não ouvir essa voz é um problema grave. É o problema do Mersault do "Estrangeiro". É a perda da consciência moral. Não tem nada mais desumanizante do que a perda da consciência moral. Quando você a perde, você vira um bichinho – menos do que um cachorro (o cachorro tem até um pouquinho); você vira um sagüi na mata Atlântida. Então, a consciência moral do Dom Juan está no Leporello, que fica o tempo todo dizendo: "poxa, o senhor está maluco". Mas o Leporello, agora como personagem, não faria a mesma coisa que Dom Juan. Qual é a conseqüência do salvamento de Dom Carlos? Ele salva a própria vida. Do seu ato de bravura, ele automaticamente obteve uma resposta positiva. Então, microcosmicamente, isso representa o plano todo da obra. Porque a obra toda diz: "se você for capaz de ter atos bons, você vai salvar sua vida; se você não for capaz, você vai cair no abismo, como o Dom Juan". Compreenderam isso? A inserção deste episódio não é gratuita. Ela está associada a essa idéia, que é uma reprodução, no micro-espaço, de todo o macro-sentido da obra. A obra tem esse sentido. No fundo, aquilo que aconteceu ali é o que acontece se você for o anti-Dom Juan.

Então, o que vocês viram acontecer durante a história toda? A história começa com aquele confronto amargo e violento com Dona Elvira e depois a gente vê o Dom Juan caindo e caindo até cair literalmente fora no mundo (no abismo), enquanto a Elvira vai melhorando e melhorando até o ponto em que ela se torna espectralmente não-humana (se você interpretar aquele espectro feminino como a própria Elvira). Por isso que Molière colocou a Elvira no centro das atenções (coisa que não faz o Lorenzo da Ponte, no "Dom Giovanni"). Há um distanciamento completo destes dois. Eles, no fim, não são mais capazes de se misturar, de conversar um com outro. Eles como que caem para mundos completamente opostos. O mundo para o qual a Elvira cai é o mundo espectral; quer dizer: ela não tem mais corpo. E o Dom Juan torna-se tão pesado, tão pesado, que ele cai para fora do mundo. Por que é um homem de pedra que destrói o Dom Giovanni? Nas três versões principais da obra, isso é assim. Ele transformou-se em apenas matéria. Então, ele pode ser obstaculizado apenas pela matéria. Como ele é impedido na história? Pela tempestade (que naufraga seu barco) e pela pedra que o draga para o fundo da matéria. É como se o caminho que Dom Juan escolheu – diferentemente da Elvira, que escolheu um caminho de diminuição da densidade – fosse um caminho de aumento da densidade, a um ponto tal em que ele se transforma em pedra. É como se seu caminho nos obrigasse a devolvê-lo para os próprios elementos – pelo menos, a terra.

Não parece que isso faz sentido? O Dom Juan, mesmo sabendo que está errado (porque ele tem, no Leporello, sua consciência moral), decide, nietzschianamente (ou prometeicamente – expressão

equivalente), desafiar a realidade para produzir uma existência humana independente de qualquer contingência superior. É isso que ele tenta fazer. Essa é a idéia central desta obra do Molière. E ele faz isso com toda a consciência do mundo. E é por isso que não se deixa de ter uma certa simpatia por ele. Admitam. Apesar de ele ser um tipo meio calhorda, vocês não têm uma certa simpatia por ele? Tem-se uma certa simpatia por ele. Por que? Porque ele parece o homem prometeico tentando fazer sua existência nos próprios moldes, independentemente de contingências superiores.

Se isso é assim, nós saímos do objetivo do Tirso de Molina – que era assustar os cristãos – e passamos para um objetivo muito mais profundo, que é o de Molière. E aí chegamos na ópera de Mozart. No "Dom Giovanni", a história começa com a morte (do Comendador) e termina com a morte (de Dom Juan). Na peça de Molière, a história começa com a vida e termina com a morte. No começo da peça de Molière, a Elvira está chateada, mas é só isso. A morte é o começo só do libreto de Lorenzo da Ponte. A do Molina também não começa com a morte.

Então, no caso de Lorenzo da Ponte, nós temos um início e um final de obra com a presença da morte. Sua obra, portanto, não é sobre a vida, não é sobre o amor. É sobre a morte. Por que é sobre a morte? Porque o que ele quer nos dizer, pegando outro ângulo desta história, é que a morte é o único desdobramento possível para uma vida completamente sem sentido - que é uma vida voltada para o desejo terrestre ilegítimo, o gozo material, o gozo dos sentidos, o qual representa uma perda completa do Sentido. A ênfase nos sentidos faz desaparecer o Sentido. E o Sentido da vida tendo desaparecido ele só pode desaguar na morte.

Foi a partir desse ponto que o Camus escreveu o livro "O mito de Sísifo", que é um livro muito importante (escrito junto com o "Estrangeiro" e editado mais ou menos junto). Esse livro diz assim: a única questão filosófica séria é o suicídio. Por que? Porque a vida é uma porcaria, ela é um absurdo completo, não faz nenhum sentido. Bom, como a vida não faz sentido, as opções são as seguintes: a primeira, é se suicidar; a segunda, é agir como age o padre Panelou na "Peste", que diz que tudo que acontece com você envolve questões transcendentais, religiosas, divinas (o Camus acha isso errado); a terceira maneira, é você viver como Dom Juan. Eu não estou inventado uma ligação inexistente: está lá no "O mito de Sísifo" a menção a Dom Juan. O que ele acha? Ele acha que Dom Juan vive loucamente num mundo sem sentido. Ou seja, ele acha que a vida do Dom Juan é sem sentido, mas é adequada a um mundo que é sem sentido. Camus vê na personagem Dom Juan um exemplo da inviabilidade humana. Quer dizer: do mesmo modo que o mundo é completamente louco, o Dom Juan comporta-se de um modo

completamente louco. E essa é, para ele, outra alternativa, outro modo de vida. E a quarta maneira – a que ele acha legítima – é viver como o Mersault vive. Quem é o Mersault? O Mersault é o sujeito que, não sentindo nada, também não finge que sente. Então, a mãe dele morre e ele não se incomoda com isso. O vizinho pede para ele escrever uma carta incriminando uma moça que ele nem conhece, e ele escreve. Depois ele vai à polícia prestar um depoimento contra a moça - sem sequer conhecê-la. Ele também não tem nada contra ela. Simplesmente, ele age nesse mundo assim, de um modo completamente inconsciente. Depois ele mata uma pessoa, sem ter desejado matar. Diz ele no julgamento: "foi o sol; o sol é que me fez matar". Na visão do Camus, o Mersault tem a atitude correta frente a esse mundo. Não fingir nada, não fazer de conta que você acredita se você não acredita, não sentir se você não sente. O livro começa assim: "hoje, mamãe morreu". E ele passa o livro todo fazendo coisas sem nenhuma consciência moral. Nenhuma, nenhuma. Porque, no fundo, ele acha que a consciência moral é externa.

Aí você entende que, se em Tirso de Molina, Dom Juan representa uma personagem de advertência; se no Molière, ele representa o homem nietzschiano, aquele homem que decide fazer as coisas por si próprio e fará o que quer (isso dando errado no fim das contas); em Lorenzo da Ponte ele já representa o sujeito que vive uma vida completamente sem sentido – que é a conseqüência, mais ou menos, da peça do Molière. É o Molière que gesta a interpretação que, mais tarde, será dada por Lorenzo da Ponte. O Molière ainda tenta manter o debate sobre se é legítimo ou não ser alguém como Dom Juan. O que Camus depois mostrará – nesse livro, "O mito de Sísifo", e vários outros também – é que o caminho natural do projeto nietzschiano e prometeico humano é a perda completa do cabimento da vida, gerando sujeitos que passam a organizar sua vida em torno da própria morte: a morte passa a organizar a vida, ao invés de a vida organizar a morte.

É isso que acontece, fundamentalmente, na versão do Lorenzo da Ponta, em comparação com a versão anterior do Molière. Na primeira versão, tem-se uma pretensão muito mais educacional e religiosa. Ela é uma ameaça, uma advertência; é uma obra de auto-ajuda religiosa. Molina só queria implantar as resoluções do Concílio de Trento, com um pouco mais de humor, e um pouco mais de competência.

Molière vai ao fundo da questão – apesar da aparência de comédia da peça. Ele produz essa visão expressa nos discursos do Leporello e no discurso do pai de Dom Juan, o qual é um divisor de águas no livro. Aí a coisa toda vira. O que o pai do Dom Juan fala é para ele prestar atenção nos seus antepassados – ou seja, naqueles que estão "acima". O pai manda Dom Juan olhar para cima.

Portanto, para entender o que Molière escreveu é preciso tirar da cabeça o modelo moderno de que o Dom Juan é apenas um sujeito que está querendo se divertir. Se você dizer isso para as pessoas, metade delas vão achar ótimo. Esse é o vício moderno. E ele, por ser coletivo (e por ser moderno), é a virtude geral.